

CADERNO TEOLÓGICO

Religião, democracia e direitos humanos

periodicos.pucpr.br/cadernoteologico



Aspectos estilísticos e narrativos da história de Zaqueu (Lucas 19,1-10)

Stylistic and narrative aspects of Zacchaeus story (Luke 19,1-10)

Gabriel Henrique dos Santos Camargo ^[a] 

Londrina, Paraná, Brasil

Pontifícia Universidade Católica do Paraná - Londrina

Fabrizio Zandonadi Catenassi ^[b] 

Londrina, Paraná, Brasil

Pontifícia Universidade Católica do Paraná - Londrina

Como citar: CAMARGO, Gabriel Henrique dos Santos Camargo; CATENASSI, Fabrizio Zandonadi. Aspectos estilísticos e narrativos da história de Zaqueu (Lucas 19,1-10). *Caderno Teológico, Religião Democracia e Direitos Humanos*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 7, n. 1, p. 4-00, jan./jun, 2022.

Resumo

Esta pesquisa objetivou analisar os aspectos estilísticos e narrativos da história de Zaqueu (Lc 19,1-10). Para o desenvolvimento da investigação, foi utilizado o método exegético sincrônico, a partir da abordagem da narratologia, além de apresentar na última seção uma abordagem teológica da períope. A passagem sobre a história de Zaqueu é rica em detalhes narrativos e elementos teológicos. O ponto alto da períope é o encontro de Zaqueu com Jesus e a hospedagem de Jesus na casa de Zaqueu. Esse encontro alcançou grandes proporções, sendo marcado pela murmuração da multidão que acompanhava Jesus, o qual entrou na casa de um pecador público. No entanto, foi na vida de Zaqueu que esse encontro gerou maior consequência, resultando na sua conversão, com a promessa em doar metade de seus bens aos pobres e restituir aqueles a quem defraudou. Desse modo, Zaqueu é um exemplo para todos os seguidores de Jesus, aos quais o encontro com o Mestre deve gerar mudança de vida. Aceitar a mensagem salvífica de Jesus deve gerar um compromisso pessoal com toda a sociedade, buscando agir sempre com justiça.

^[a] Bacharel em Teologia pela PUCPR, e-mail: gabriel_henrique1268@hotmail.com

^[b] Bacharel em Teologia pela PUCPR, ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-2939-5053> E-mail: fabriziocatenassi@gmail.com

Palavras-chave: Evangelho de Lucas. Narratologia. Zaqueu. Filho do Homem.

Abstract

This research aimed to analyze the stylistic and narrative aspects of Zacchaeus' story (Lk 19: 1-10). For the development of the investigation, it was used the synchronic exegetical method through narratological approach, besides presenting in the last section some theological elements of the pericope. The passage about the history of Zacchaeus is rich in narratological details and theological elements. The highlight of the pericope is the meeting between Zacchaeus and Jesus and the accommodation of Jesus at Zacchaeus' house. This meeting reached great proportions, marked by the murmuring of the crowd that accompanied Jesus, since he had entered the house of a public sinner. However, it was in the life of Zacchaeus that this encounter had the greatest consequence, resulting in his conversion, based on the promise to donate half of his goods to the poor and return those he defrauded. In this way, Zacchaeus is an example for all followers of Jesus, to whom the encounter with the Master must bring about life change. Accepting Jesus' saving message must generate a personal commitment to the whole of society, always seeking to act justly.

Keywords: In the Gospel of Luke. Narratology. Zacchaeus. Son of the Man.

Introdução

O objeto de estudo da presente pesquisa é uma perícope do Evangelho de Lucas, a história de Zaqueu (Lc 19,1-10), a ser explorada a partir da narratologia e da análise teológica. Os evangelhos constituem o centro hermenêutico que dá sentido para as Escrituras dentro do mundo cristão, uma vez que o acontecimento Jesus Cristo, assim como visto e interpretado pelos evangelistas, dá os fundamentos para a interpretação teológica da Bíblia. Disso, vem a necessidade de explorar os textos dos evangelhos a partir dos recentes avanços nas ciências literárias. O texto do Evangelho de Lucas, por sua vez, manifesta em sua redação final grande senso artístico, talento e habilidade literária, demonstrando na estrutura dos discursos relatados conhecimento da retórica grega e de uma série de recursos estilísticos e narrativos.

A pesquisa latino-americana ainda é tímida quanto ao estudo da narratologia aplicada ao Evangelho de Lucas, o que justifica a necessidade do estudo específico de períopes para uma compreensão mais ampla das características estilístico-literárias do texto (CATENASSI; PERONDI; ARTUSO, 2014, p. 545-550). A história de Zaqueu é pastoralmente bem conhecida e, também no mundo acadêmico científico, é possível encontrar discussões sobre certos aspectos estilísticos do texto. Assim, investigou-se a forma literária de Lc 19,1-10, ainda que sob o aspecto diacrônico da crítica da redação e da composição do texto (O'TOOLE, 1991, p. 107-116), a estruturação de um tríptico com Zaqueu ocupando a parte final (RAVENS, 1991, p. 19-32), ou o uso de uma característica física como a baixa estatura em relatos antigos (PARSONS, 2001, p. 50-57).

Portanto, justifica-se um estudo sistemático da versão lucana que contemple os aspectos estilísticos e literários a partir das teorias narratológicas modernas. Sendo assim, a presente pesquisa busca analisar os aspectos estilísticos e narrativos da história de Zaqueu (Lc 19,1-10), enfocando aspectos soteriológicos e cristológicos da períope. Para o desenvolvimento da pesquisa foi utilizada uma abordagem sincrônica, aplicando os elementos da narratologia bíblica a partir de Marguerat e Bourquin (2009).

Contexto Literário

A história de Zaqueu (Lc 19,1-19) encontra-se no contexto da grande viagem a Jerusalém, tema que ocupa importante lugar no Evangelho de Lucas. Jesus iniciou a caminhada para Jerusalém no capítulo 9,51 e encerrou com a sua entrada triunfal na cidade, relatada a partir de 19,28, ocupando, portanto, grande parte dos 24 capítulos do livro. Nessa viagem: “Lucas mostra um Jesus que conhece seu destino e o aceita porque este último vem de Deus” (BROWN, 2004, p. 349). Nesse ponto, o evangelista Lucas distancia-se dos outros evangelhos, apresentando uma originalidade, sendo essa seção em sua grande parte um relato lucano, escrita com estilos, narrativas, temas e períopes próprias (BROWN, 2004, p. 349).

Cabe ressaltar que o Evangelho de Lucas apresenta dados geográficos imprecisos sobre essa viagem. No entanto, o autor “não pretende dar-nos um diário da última viagem de Jesus, mas um quadro unitário dentro do qual situar grande parte do material inédito que ele reuniu em suas cuidadosas pesquisas” (FABRIS, 2014, p. 13). Essa caminhada para Jerusalém não constitui um simples deslocamento ou uma fuga das perseguições na Galileia, mas o início da consumação de um projeto salvífico. Segundo a tradição judaica, não era admissível que um profeta morresse fora de Jerusalém (13,33). No caminho para a capital da Judeia, o evangelista relata parábolas, ensinamentos e períopes, destacando importantes temas, como: o envio dos 72 discípulos (10,1-10); a oração (11); convite à conversão (11-12); a misericórdia (15); o uso dos bens (16); a esperança na volta do Filho do Homem (17-19); o perdão e a salvação dos excluídos (17-19) (FABRIS, 2014, p. 13).

A períope de Zaqueu está localizada no último capítulo dessa caminhada a Jerusalém, no qual Jesus apresenta a possibilidade do perdão, inclusive para os excluídos, desde que se arrependam das suas faltas, visto que todos têm o direito a ele, pois são filhos de Abraão. Essa última parte da viagem a Jerusalém é marcada pela parada em Jericó. Assim, em Jericó há um olhar para dois excluídos: primeiramente, o cego que estava às margens da estrada, semelhante a um mendigo e, posteriormente, Zaqueu, chefe dos coletores de impostos. É importante salientar que os coletores de impostos eram mal-vistos e excluídos pela sociedade judaica, odiados pelo povo, vistos como ladrões (por trabalhar no fisco) e, consequentemente, como pecadores (FABRIS, 2014, p. 67). Nesse sentido, antes de analisar especificamente a períope de Zaqueu, é necessário comentar brevemente as duas períopes que rodeiam Zaqueu, isto é, a da cura do cego de Jericó (18,35-43) e a Parábola das Minas (19,11-27). O objetivo da análise dessas períopes é compreender o contexto literário em que a história de Zaqueu está inserida.

O capítulo 18 trata sobre os temas da administração dos bens e da salvação dos excluídos, levantando o questionamento: o rico pode ser perdoado por Deus e ser salvo? (18,26). Jesus deixa claro que para Deus nada é impossível (18,27). Em 18,35-43, o evangelista Lucas relata a cura de um cego anônimo na entrada de Jericó, diferente de Marcos, que o retrata na saída da cidade. Ali, na voz de um excluído, ocorre uma antecipação da profissão messiânica que marca a entrada em Jerusalém, uma vez que o cego faz uma manifestação de fé salvífica em Jesus.

Desse modo, na história de Zaqueu (19,1-10), esses temas estão inseridos nas características de Zaqueu, uma vez que um rico recebe a salvação de Jesus, à medida que é capaz de administrar justamente os seus bens. Dessa maneira, é o olhar de Jesus para um rico, a princípio condenado pela multidão, mas que, ao colocar em prática os ensinamentos evangélicos propostos por Jesus, se converteu. O terceiro Evangelho, assim, reserva para a entrada de Jericó dois importantes encontros: “um cego é curado e um rico pecador se converte quando Jesus entra em sua casa (18,35-43; 19,1-10)” (FABRIS, 2014, p. 171).

Em 19,11-28, na parábola das minas, há um apelo para a esperança e fidelidade quanto ao retorno do rei. Nessa parábola existem dois modelos de servos: aquele disposto e fiel e, em contraposição, o preguiçoso e infiel. Essa parábola, colocada no final da caminhada a Jerusalém, recorda as diferentes pessoas com quem Jesus se encontrou nesse longo caminho, desde servos zelosos até servos preguiçosos, que não se converteram diante do anúncio. Também expressa a gratuidade dos dons divinos, a partir do versículo: “a quem tem, será dado; mas àquele que não tem, será tirado até o mesmo o que tem” (v. 26). Nesse sentido, a períope de Zaqueu antecede essa parábola, de modo que Zaqueu rico e pecador, acolheu os dons, a partir da justa administração dos bens e da conversão, representando um servo disposto e fiel.

Delimitação de Lucas 19,1-10

Na aplicação do método narrativo, o primeiro passo para a análise é definir a delimitação do texto, também chamada “clausura da narrativa”. Na períope em análise, a macronarrativa é o livro do Evangelho de Lucas, enquanto a história de Zaqueu é compreendida como uma micronarrativa. A micronarrativa é identificada com o processo de delimitação do texto, feito a seguir a partir da aplicação de três critérios: o lugar, os personagens e o tema.

O primeiro critério a ser aplicado é o lugar, que se refere às modificações apresentadas no ambiente, indicando a mudança do cenário da narrativa. Em 18,35, a narrativa havia localizado os acontecimentos na entrada de Jericó, onde Jesus se encontra com um cego mendigando no caminho. Em 19,1, Jesus entra na cidade e aproxima-se da casa de Zaqueu, mudando o cenário, visto que Jesus não se encontra mais na entrada da cidade, mas sim, no seu interior.

Nesse sentido, mesmo permanecendo em Jericó, ocorre uma mudança do cenário se comparado ao final do capítulo 18. O evangelista conduz o leitor para o interior da cidade, onde acontece o encontro e o diálogo entre Jesus e Zaqueu. Nos cinco primeiros versículos, há a ideia do movimento de entrada, no qual Jesus e a multidão estão se aproximando do interior da cidade onde permanecerá para hospedar-se. Dessa maneira, segundo o critério de mudança lugar, Jesus deixou a entrada da cidade (18,35), dirigindo-se ao interior dela (vv. 1-5), assinalando um novo cenário.

O segundo critério de enclausuramento do texto é o indicador de personagem, “que registra as mudanças na constelação de atores da narrativa: aparecimento ou desaparecimento de um personagem ou de um grupo de personagens” (MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p. 45-46). O v. 2 relata o aparecimento de um novo personagem, na breve descrição da biografia e características de Zaqueu, descrevendo quem é, qual o seu ofício e sua altura. No início do capítulo 19, o cego que estava à entrada da cidade desaparece e surge um novo personagem: o chefe dos coletores de impostos. De acordo com o critério do personagem, a história de Zaqueu tem o seu início na aparição do novo personagem, um cidadão de Jericó (vv. 1-2), encerrando no v. 10, quando Jesus, após o diálogo com Zaqueu, faz a última declaração da perícope, afirmando que: “[...] o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido” (v. 10). Em seguida, o v. 11 traz novamente à cena a multidão que acompanhava Jesus no caminho a Jerusalém e faz desaparecer Zaqueu, marcando o início de uma nova períope.

O último critério de enclausuramento a ser aplicado nessa períope é o indicador de tema. Caso seja utilizado sozinho, esse critério pode apresentar dificuldades, uma vez que o tema pode indicar ao mesmo tempo uma micronarrativa (com um único tema) ou uma sequência narrativa (unificando várias narrativas, mas mantendo a unidade temática). Assim, para determinar a delimitação de um texto é necessário recorrer ao maior número de critérios de enclausuramento, devendo estar presentes ao menos dois ou três para determinar uma micronarrativa (MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p. 43). O capítulo 18 havia sido encerrado com um relato de cura e uma breve proclamação messiânica feita a Jesus. O capítulo 19 inicia apresentando a inserção de um novo tema: finalizada a cura do cego, o texto parte para a conversão de Zaqueu. A períope de Zaqueu encerra no v. 10, posto que no v. 11 o evangelista faz uma mudança do gênero literário, inserindo uma parábola referente ao tema da manifestação imediata do Reino de Deus em Jerusalém.

Análise narrativa de Lucas 19,1-10

A partir daqui, passamos a analisar a narrativa da história de Zaqueu, a partir dos seguintes operadores da narratologia: o enredo, os personagens, o enquadramento, a temporalidade, a voz narrativa, o texto e seu leitor.

O Enredo

O enredo constitui um elemento essencial para a narrativa, sendo compreendido a partir da ordem dos acontecimentos, dispostos em um laime temporal e causal, sendo a “estrutura unificadora que liga as diversas peripécias da narrativa e as organiza em uma história contínua” (MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p. 56).

A estrutura do enredo pode diferenciar entre si, de acordo com o esquema utilizado, podendo ser caracterizado por meio de duas etapas: dificuldade e resolução da dificuldade. Diante disso, para a análise do episódio de Zaqueu serão adotados dois esquemas diferentes de enredo, a partir da estruturação proposta por Marguerat e Bourquin (2009, p. 55-57). Em primeiro lugar, o enredo clássico é composto por três fases: complicação, auge (clímax) e resolução. A partir desse modelo, a períope pode ser assim dividida:

- 1)Complicação: apresentação de Zaqueu (vv. 1-2).
- 2)Auge: a dificuldade para ver Jesus (vv. 3-5).
- 3)Resolução: a salvação e a conversão de Zaqueu (vv. 6-10).

No enredo clássico, ilustrado acima, as etapas são mais gerais e o binômio dificuldade-resolução da dificuldade define a trama. Esse formato de enredo é conhecido como esquema piramidal por apresentar o ponto máximo da dificuldade e a resolução (MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p. 56). A seguir, propomos a divisão a partir do esquema quinário:

- 1)Situação inicial: apresentação de Zaqueu (vv. 1-2).
- 2)Nó: a dificuldade para ver Jesus (vv. 3-5).
- 3)Ação transformadora: contato com Jesus (vv. 5-7).
- 4)Desenlace: o anúncio da salvação de Zaqueu (vv. 8-9).
- 5)Situação final: salvar o que estava perdido (v. 10).

Na perícope de Zaqueu, o narrador apresenta que o desejo de Zaqueu era ver quem era Jesus, que estava passando em Jericó. A situação inicial (vv. 1-2) é formada pela breve biografia e exposição do anseio de Zaqueu. O nó desse enredo está na dificuldade em ver Jesus, uma vez que a baixa estatura de Zaqueu é posta como obstáculo no meio das demais pessoas. Não conseguindo alcançar o seu objetivo, o coletor de impostos sobe em um sicômoro com a finalidade de ficar em uma posição mais alta. A ação transformadora (vv. 5-7) aparece no encontro de Jesus com Zaqueu, sendo que o próprio Jesus é quem estabelece o primeiro contato com o personagem, iniciando o diálogo. A ação de Jesus ultrapassa aquilo que o coletor de impostos havia desejado, pois é acompanhada pela oferta de Jesus para ficar na casa dele. No desenlace da situação (vv. 8-9), Jesus supera a expectativa do encontro, apresentando os efeitos dessa ação transformadora sobre Zaqueu e sua casa, uma vez que Jesus anuncia a salvação após o comprometimento do chefe dos coletores com os pobres e com aqueles que havia defraudado.

Por fim, a situação final com o novo estado de Zaqueu (v.10) é descrita a partir dos efeitos do seu encontro com Jesus: enquanto o cobrador de impostos desejava simplesmente ver Jesus, o próprio Jesus foi ao seu encontro, proclamando a salvação para aquele que era considerado pecador pela multidão à sua volta. É importante ressaltar que a ação transformadora nem sempre conduzirá a um estado de felicidade, como na história de Zaqueu, podendo apresentar um novo estado que não esteja relacionado a uma conquista vitoriosa, como acontece, por exemplo, na parábola das dez virgens, que encerra com uma exortação à vigilância (Mt 25,1-13).

O esquema quinário descreve as etapas que desenvolvem o conflito e sua consequente resolução. O problema apresentado na períope é a dificuldade de Zaqueu em ver Jesus, sendo surpreendido ao final da narrativa com o anúncio da salvação para sua casa. Na situação inicial, Zaqueu era visto como pecador; no desfecho, é destacada a sua mudança de estado, diante do anúncio da salvação. O ato de Jesus ao hospedar-se na casa do coletor de impostos é compreendido como a ação decisiva da períope, uma vez que Jesus rompe com as murmurações e proclama a salvação para Zaqueu. Dessa maneira, o conflito fundamental da períope é resolvido pela ação de Jesus, resultando na conversão de Zaqueu e na reparação com aqueles que ele prejudicara. A presença e o diálogo de Jesus honram o cobrador de impostos, atribuindo-lhe uma nova reputação (BOVON, 2010, p. 335).

Quanto aos tipos de enredos, eles podem ser classificados segundo a sua ação transformadora, podendo ser de revelação ou de resolução. A períope da história de Zaqueu é entendida como um enredo de resolução, definido como aquele relacionado a uma cura, um milagre ou um reencontro, havendo um ganho de conhecimento que está relacionado ao nível pragmático, do fazer (MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p. 73). No v. 9, o narrador destaca a resolução do problema e a ação transformadora, a partir do anúncio da salvação para a casa de Zaqueu, encerrando a períope com um final feliz. Desse modo, não é um enredo de revelação, pois considera-se que a ação de Jesus gerou a mudança de estado em Zaqueu, resultando na sua conversão, de forma que ele não somente viu Jesus, mas se converteu.

Os Personagens

Os personagens são um importante elemento da narrativa, pois servem como uma espécie de cartão de visita, visto que podem atrair os leitores por meio de suas características e personalidade. O personagem é: “a representação, por escrito, de imagens claras de uma pessoa, suas ações e suas formas de pensar e de viver” (CHATMAN, 1978, p. 115, tradução nossa). Para o leitor, o personagem pode chamar mais atenção do que o enredo, isso quer dizer que um bom personagem contribui para um bom enredo, à medida que ele sustenta a narrativa. De fato, diversos relatos são conhecidos pelo nome de um dos personagens da história, como é o caso da história de Zaqueu.

Podemos levantar três critérios para classificar os personagens: o número (singular ou coletivo), a intensidade da presença (a função que desempenham na história) e seus traços constitutivos (número de características de cada personagem) (MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p. 75-78). A narrativa possui um protagonista, um personagem secundário e os figurantes. Assim, para identificar o papel ou hierarquia de cada personagem é preciso adotar os critérios supracitados.

Em Lc 19,1-10, Jesus exerce um caráter de protagonista pelo papel ativo que desempenha na história. Ele é retratado como o portador da salvação (v. 8) e Filho do Homem (v. 10), e é justamente a ação transformadora é justamente a de trazer a salvação para Zaqueu. O coletor de impostos também pode ser considerado protagonista observando sua função ativa de ir ao encontro de Jesus (v. 4), seu propósito de distribuir parte dos seus bens e sua mudança de atitude. Por fim, a multidão (v. 3) e os murmuradores (v. 7) possuem um papel passivo, inseridos como pano de fundo, sendo considerados personagens figurantes.

O desenvolvimento da narrativa permite ao leitor classificar os personagens como heróis ou vilões, à medida que os personagens estabelecem uma relação de juízo de valor com o leitor. Para Marguerat e Bourquin (2009, p. 83-84), quanto mais os personagens se aproximam da realidade, maior atração exercem nos leitores. Ao leitor cabe fazer a sua avaliação sobre os personagens, a partir de três sentimentos: empatia, simpatia ou antipatia. Aplicando esses critérios à história de Zaqueu, estrutura-se a seguinte situação de avaliação (sentimentos):

Jesus	Empatia
Zaqueu	Simpatia
Murmuradores	Antipatia
Multidão	Indiferença

Nessa períope, Jesus exerce um sentimento de empatia no leitor justamente pelos seus atos de ir ao encontro dos afastados e acolhê-los, além de demonstrar o ideal de fazer o bem ao próximo. Isso o identifica com valores como a oferta do perdão não merecido, a apresentação de um reino não excluente e o cruzamento da barreira entre os puros e impuros (KARRIS, 2011, p. 268). Sobre Zaqueu, pode ser aplicado o sentimento de simpatia, representado no desejo em ver Jesus (v. 3), visto que todos precisam ser perdoados e reconciliados, ao menos uma vez (BOVON, 2010, p. 339). Tal simpatia compreende uma certa identificação com o leitor, porém com menor intensidade, se comparado com o sentimento por Jesus. Quanto aos murmuradores, por manifestarem descontentamento com o agir de Jesus, aplica-se sobre eles o sentimento de antipatia, por serem contrários aos valores defendidos por Jesus e por acusarem-no de sentar-se à mesa com pecadores. Por fim, a multidão gera o sentimento de indiferença, por assumir um papel passivo, não manifestando posicionamento no enredo.

O Enquadramento

O narrador insere os personagens em uma cena, movimentando-os no espaço da história contada. Esse cenário onde os personagens exercem as suas ações, denomina-se enquadramento, analisado em geral pelos componentes do tempo, lugar e o meio social.

Em relação ao tempo, este diz respeito aos dados cronológicos, respondendo a interrogação: “quando aconteceu o episódio?”. Destaca-se na perícope de Zaqueu a presença de um indicador fundamental de tempo, o advérbio “hoje”. Esse termo aparece duas vezes nessa períope, no v. 5 e no v. 9, indicando a emergência. Nos dois momentos, é utilizado nas palavras de Jesus para Zaqueu, indicando primeiro como marca cronológica e, então como referência teológica que indica a urgência da realização do plano de salvação na história.

Assim, o significado desse termo pode ser factual (sentido literal) ou metafórico, dependendo da avaliação feita pelo leitor (MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p. 99). Diante da oferta de Jesus e da aceitação de Zaqueu, a salvação entrou em sua casa. No sentido factual, Jesus destaca o tempo cronológico da conversão de Zaqueu. No sentido metafórico, Jesus declara que a salvação não está distante, mas já está acontecendo, uma vez que ele a inaugura (BROWN; FITZMYER; MURPHY, 2011, p. 232-288). O termo “hoje” é encontrado em passagens anteriores do Evangelho de Lucas (2,11; 4,21; 5,26; 12,28; 13,32-33; 19,5,9; 22,34; 22,61; 23,43; 24,21), possuindo importante significado, fazendo que o leitor desse livro tenha informações prévias, que o ajude a compreender a períope de Zaqueu. O “hoje” usado por Lucas apresenta a ideia de que o Messias não é somente uma esperança, mas uma realidade, inserindo os homens no tempo da salvação que foi inaugurado por Jesus (BOVON, 2010, p. 304-305).

O elemento lugar refere-se à categorização dos lugares apresentados na narrativa, respondendo a interrogação: “onde aconteceu?”, podendo descrevê-los segundo um aspecto geopolítico, topográfico ou arquitetônico (MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p. 101). Em relação à períope de Zaqueu, a narrativa relata o acontecimento na cidade de Jericó, onde Jesus caminhava e encontrou-se com o chefe dos coletores de impostos, que estava em cima de um sicômoro. No entanto, o destaque está no plano topográfico, na oferta de Jesus para hospedar-se na casa de Zaqueu. O termo “casa” aparece duas vezes no relato (vv. 5,9). O fechamento da cena acontece dentro da casa de Zaqueu (v. 9). Esse deslocamento demonstra que Zaqueu recebeu de Jesus muito mais do que esperava, pois não se restringiu em ver Jesus, mas o hospedou em sua casa (FITZMYER, 1987, p. 63). Além do mais, enquanto o coletor de impostos buscava estar geograficamente mais alto para ver Jesus, valorizando o aspecto material, estar com ele em casa é o que, em última instância, confere altura à vida, em um sentido salvífico.

O último indicador, o enquadramento social, diz respeito à análise dos elementos essenciais do texto, recorrendo a um conteúdo sócio-histórico, para a compreensão dos temas apresentados: a cidade de Jericó e o ofício de Zaqueu. A localidade era considerada uma cidade muito importante, no sul do Vale do Jordão, rota de passagem para quem seguia da Pereia à Jerusalém, sendo um importante ponto para a coleta de impostos (KARRIS, 2011, p. 1198).

Sendo o chefe dos coletores de impostos, Zaqueu era um homem rico, o que poderia dificultar a sua salvação, uma vez que Jesus afirmava ser “mais fácil o camelo entrar pelo buraco de uma agulha do que o rico entrar no Reino de Deus” (18,25). O ofício de Zaqueu era visto com discriminação, pois os coletores “colaboravam com as autoridades do Império Romano; assim, eram considerados desleais e suspeitos de traição. Considerando que eles lucravam mediante a extorsão de mais do que era legalmente devido, eram vistos como exploradores” (KARRIS, 2011, p. 168). No v. 7, Zaqueu é descrito pela multidão como pecador, que aparece como um termo técnico para os que exerciam profissões desprezadas. Desse modo, o narrador enquadra socialmente o episódio, com a entrada de Jesus na casa de um pecador para hospedar-se.

A Temporalidade

Os acontecimentos na narrativa são colocados em um liame temporal que é indicado pelo narrador, à medida em que ele situa as ações em sentido cronológico a partir dos marcos temporais. Na períope de Zaqueu, o tempo contado (o tempo da história) não é claramente mencionado. O texto inicia com uma dimensão estativa nos vv. 1-2, descrevendo o cenário. Os vv. 3-4 mostram a busca de Zaqueu por uma oportunidade para ver Jesus, que se desenvolve por certo tempo, que não é registrado. Então, a narrativa mostra o encontro e o diálogo de Jesus e sua entrada na

casa, ao mesmo tempo que leva o leitor para fora da casa para acompanhar a murmuração da multidão. Finalmente, o relato é finalizado dentro da casa de Zaqueu, em novo diálogo.

De outro modo, o tempo contando (o tempo da narrativa) aparece de forma desigual. A busca de Zaqueu até subir o sicômoro é descrita em dois versos, enfatizando seu interesse em Jesus. Os diálogos e suas reações são mais detalhados (vv. 6-7.8-10). O narrador coloca como um acontecimento marginal a reclamação dos que estavam presentes (v. 7), em um breve versículo indica a notícia que circulava longe de Jesus e de Zaqueu. Nesse sentido, o ponto alto do tempo contando acontece no interior da casa, quando Jesus proclama a salvação para Zaqueu após o comprometimento dele diante de Jesus em doar metade dos seus bens aos pobres e restituir os que foram por ele injustiçados.

A voz narrativa

A voz narrativa é um elemento que tem por finalidade guiar o leitor, explicando os aspectos do texto para que seja possível a interpretação de seu sentido. Na perícope de Zaqueu, o narrador conduz implicitamente o leitor em um caminho de paradoxos. O paradoxo consiste “na construção do enredo fazendo aparecer um encadeamento de fatos contrários ao senso comum” (MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p. 145). O capítulo 19 inicia apresentando uma breve biografia de Zaqueu, destacando suas principais características: “era rico e chefe dos publicanos” (v. 2), possuía uma baixa estatura (v. 3), recebeu a oferta de Jesus para hospedar-se em sua casa (v. 5), para a multidão ao redor, esse homem era um pecador (v. 7). Em seguida, o chefe dos publicanos assume um compromisso de conversão e recebe a salvação de Jesus.

Diante disso, o narrador conduz o leitor para um enredo com ações paradoxais. O primeiro paradoxo está na figura de Zaqueu, o qual, sendo um importante oficial do Império, não consegue se aproximar de Jesus para vê-lo. Outra questão refere-se à sua posição, um importante oficial, “alto” na cadeia administrativa, que é, na verdade, baixo demais para observar Jesus. O paradoxo que mais chama atenção está na hospedagem de Jesus na casa de um pecador e rico, uma vez que no capítulo anterior Jesus havia feito os discursos sobre a riqueza, explicando a dificuldade para um rico se salvar. Indo contra as expectativas da multidão, Jesus entrou na casa do homem considerado pecador, partilhou das suas coisas e ainda anunciou a salvação para ele. Em razão disso, o encontro e a hospedagem de Jesus na casa de Zaqueu conduzem o leitor contra o que o senso comum daquele momento considerava lícito e zelosamente religioso, uma vez que, pela murmuração da multidão, Jesus não deveria entrar na casa de um pecador.

O papel do texto e o papel do leitor

O narrador indiretamente interage com as competências do leitor quando, no ato da leitura, este busca compreender os fios da história. Nesse sentido, o narrador exige do leitor certas competências para a compreensão da narrativa, enquanto narra a história. Por outro lado, o próprio leitor vai criando expectativas sobre o fechamento da narrativa (MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p. 158). Diante dessa capacidade de previsão do leitor, o narrador pode desafiá-lo, frustrando suas expectativas sobre a história. Na história de Zaqueu, o narrador joga com a capacidade do leitor, para quem o encontro de Jesus com um publicano geraria uma expectativa de algum diálogo conflituoso ou condenatório. Contrariando suas expectativas, o publicano recebeu de Jesus a salvação, quando buscava “simplesmente” ver quem estava passando junto à multidão.

Por fim, o narrador apresenta no texto algumas questões que ficaram sem respostas, mas que necessitam implicitamente de um posicionamento do leitor. Trata-se de elementos inseridos no texto que não têm uma clara explicação, designando ao leitor uma interpretação própria (MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p. 166). Na períope de Zaqueu, questiona-se como Jesus sabia o nome de Zaqueu (v. 5) se não o conhecia. Além do mais, por que Jesus se hospedou na casa de um rico após vários discursos exortativos sobre a riqueza? O que aconteceu nesse encontro para

que Zaqueu assumisse o compromisso de conversão e para que Jesus proclamasse a salvação? Ainda, quantos dias durou esse encontro? (BOVON, 2010, p. 337-343). Essas questões são deixadas pelo narrador para que o leitor busque preencher o possível vazio, assumindo o papel de apresentar uma resposta sobre essas interrogações, a partir de um trabalho hermenêutico.

Análise teológica de Lucas 19,1-10

Neste ponto, será apresentado o sentido teológico de alguns elementos presentes na perícope, levando em consideração acentos teológicos importantes para Lucas, que ajudam a aprofundar a compreensão do conteúdo do texto. Em vista disso, serão analisadas três expressões: “Jesus lhe disse: Hoje a salvação entrou nesta casa” (v. 9); “porque ele também é um filho de Abraão” (v. 9); e “o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido” (v. 10).

A Salvação

O primeiro elemento a ser analisado nessa etapa é o termo “salvação”, utilizado na afirmação de Jesus “Hoje a salvação entrou nesta casa” (v. 9). A história de Zaqueu pode ser considerada uma história de salvação, que é dada por Jesus, passando pela participação humana de Zaqueu. O v. 8 apresenta a importante declaração do cobrador de impostos diante de Jesus de restituir a justiça e doar metade dos seus bens aos pobres, um compromisso da sua conversão: “Zaqueu, de pé, disse ao Senhor: ‘Senhor, eis que dou a metade de meus bens aos pobres, e se defraudei a alguém, restituo-lhe o quádruplo’” (19,8), como era esperado em alguns casos mais graves pela legislação judaica (Ex 21,27; 1Sm 12,6) (FABRIS, 2014, p. 183).

O ponto central no ato de reparação de Zaqueu encontra-se na sua atitude voluntária, visto que não havia lei para ele se submeter de forma a ser absolvido; de maneira voluntária, prometeu retribuir a metade dos seus bens aos pobres. Para Lucas, aquele que aceita o discipulado deve renunciar a todos os seus bens (14,33) e não parcialmente, como fez Zaqueu, por isso, a ênfase do versículo não deve ser colocada no valor da retribuição, mas na atitude e no compromisso voluntário assumido por Zaqueu. Tal atitude serve para justificar a própria ação benfazeja de Jesus em favor de uma classe de trabalhadores considerada pecadora. Não é Jesus quem dá justificativas sobre o motivo de dialogar com o coletor, mas o próprio coletor é quem dá o seu testemunho diante de Jesus (KARRIS, 2011, p. 288).

No v. 9, encontra-se a grande afirmação de Jesus: “Hoje a salvação entrou nesta casa”. Essa afirmação aconteceu como resposta ao compromisso de Zaqueu, feito no versículo anterior. Jesus opera com abundância, oferecendo a salvação para Zaqueu e estendendo-a à sua casa. Tais palavras de Jesus certamente causariam espanto àqueles que murmuravam, pois a salvação alcançara um pecador público. Sendo assim, com a conversão de Zaqueu, a misericórdia de Jesus ultrapassou as fronteiras religiosas e culturais da época, pois mostrou-se um dom possível a todos.

O v. 9 concretiza a afirmação de Jesus de que ficaria na casa de Zaqueu (v. 5). Nesse ponto, Jesus se apresenta como o portador da salvação. A afirmação de Jesus foi direcionada a Zaqueu e aos murmuradores que estavam espantados com a atitude de Jesus (FITZMYER, 1987, p. 65). Diante disso, considerando que a passagem se encontra após alguns discursos sobre a riqueza, conclui-se nesse último capítulo da viagem para Jerusalém que a acolhida humana da salvação é indissociável do bom comportamento diante bens materiais, uma vez que estes favorecem um fechamento para Deus e para o próximo (BOVON, 2010, p. 342). Por fim, ao entrar na casa de Zaqueu, Jesus proporcionou a comunhão com Deus a partir da conversão desse coletor, destacando, assim, uma nova relação entre Deus e o homem (BOVON, 2010, p. 342) quando comparada à teologia judaica de seu tempo.

“Filho de Abraão”

No v. 9 está inserida a expressão “filho de Abraão”: “porque ele também é um filho de Abraão”. Essa expressão de Jesus surge em consequência do testemunho de Zaqueu como justificação para a salvação ter entrado em sua casa. Ele pode ser salvo porque também é um filho de Abraão, mesmo sendo pecador público. Essa afirmação tem grande importância para a cultura judaica, visto que Abraão é considerado um patriarca, figura importante do Antigo Testamento, pai do povo judeu, escolhido por Deus para acolher sua manifestação.

A herança de Israel deve ser considerada como uma dádiva do consentimento de Abraão à intervenção divina em sua história, o que torna os judeus descendentes da aliança feita entre Deus e Abraão (Gn 15,5). A partir dela constituiu-se o povo eleito, isto é, dessa promessa saíram os filhos de Israel. Em virtude disso, ser considerado filho de Abraão assinala uma conotação de pertença a Israel, de comunhão com o povo eleito e do direito à salvação. Sendo assim, na períope de Zaqueu, deve-se considerar que a salvação foi concedida observando a sua condição de filho de Abraão e não pelo exercício do seu ofício de cobrador de impostos. Em outras palavras, pode-se dizer que Jesus respondeu aos murmuradores, que estavam perplexos, mostrando-lhes que não estava entrando simplesmente na casa de um pecador (cobrador de impostos) (v. 7), mas na de um filho de Abraão. Desse modo, aquele que antes estava marginalizado, agora é reinserido na herança do povo eleito, porque ele alcançou a salvação (FITZMYER, 1987, p. 65).

Jesus acolhe Zaqueu como a ovelha que estava perdida (15, 4-7), uma vez que a missão do Mestre é encontrar aqueles que estavam perdidos. Jesus vai ao encontro dos filhos marginalizados de Abraão, conforme a exortação de João Batista: “Produzi, então, frutos dignos do arrependimento e não comeceis a dizer em vós mesmos: ‘Temos por pai a Abraão’. Pois eu vos digo que até mesmo destas pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão” (Lc 3,8). Ora, Zaqueu apresentou o sinal da sua conversão, que o suscitou como filho de Abraão.

Com isso, Jesus ensina que a descendência de Abraão é um privilégio, mas também uma grande responsabilidade, de modo que é preciso cumprir as obrigações da religião como forma de manter-se entre o povo escolhido (BOVON, 2010, p. 342). Desse modo, a partir do seu compromisso moral feito diante de Jesus – e não do cumprimento irrestrito da Lei judaica –, Zaqueu cumpre os deveres necessários para fazer parte do povo eleito: na sua conversão, reforçou as implicações morais de ter Abraão como pai na fé, demonstrando uma conduta apropriada, fidelidade e cumprimento da lei (KARRIS, 2011, p. 229). A salvação surge como erupção dessa moralidade do Reino no indivíduo, como no compromisso de Zaqueu, em doar metade de seus bens e restituir os que foram defraudados.

“Filho do Homem”

Na conclusão do texto de Zaqueu, o próprio Jesus assume a expressão “Filho do Homem”: “Com efeito, o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido” (v. 10). Essa expressão utilizada por Jesus possui importante significado para a teologia, encontrando-se presente já no Antigo Testamento, ainda que com nuances distintas (Dn 7,13; Ez 2,1. 3. 6. 8; 3, 1. 4.10. 17).

A cristologia questiona se o título foi utilizado por Jesus ou foi projetado no discurso de Jesus pelos cristãos das primeiras comunidades. Provavelmente, a denominação “Filho do Homem” foi assumida pelo próprio Jesus, visto que esse título também é empregado nos outros evangelhos sinóticos e no Evangelho de João (LACOSTE, 2004, p. 735). Diferente de outros títulos, como “Messias”, pode-se afirmar que “Filho do Homem” está mais associado ao próprio Jesus, não no sentido de uma profissão cristológica, mas como uma expressão mais “íntima” de Jesus. Portanto, “Filho do Homem significaria simplesmente um homem [...] ou seria outra forma de escrever eu” (THEISSEN; MERZ, 2004, p. 28).

Na perspectiva bíblica, esse título é encontrado em dois livros do Antigo Testamento, Daniel e de Ezequiel. No livro de Daniel, o profeta descreve a existência de quatro bestas, a personificação dos quatro grandes impérios

que manifestavam o poder opressor mundano, sendo que seus chifres representam a autoridade deles. O profeta visualiza também uma figura semelhante a um homem, ao qual é transferido o poder de conquistar o domínio para Israel, sendo esse o Filho do Homem, imagem de autoridade e soberania (Dn 7). O livro de Ezequiel, ao mencionar o “Filho do Homem”, transmite a noção de um indivíduo portador da condição humana, como aquele que tem medo (Ez 2,6), aquele indivíduo capaz de ouvir e anunciar (Ez 2,8). Desse modo, o profeta apresenta o Filho do Homem como um indivíduo relacionado à condição humana, não havendo uma equiparação com o Altíssimo, como no livro de Daniel (FABRY; SCHOLTISSEK, 2002, p. 100-120).

Nos sinóticos, o título está associado ao poder do Filho do Homem de perdoar (Lc 5,24), apresentando-o como Senhor do sábado (Lc 6,5) e aquele que deve sofrer e ser rejeitado pelos anciãos, sacerdotes e doutores da lei (Lc 9,22). Por sua vez, o Evangelho de João apresenta esse título associado ao “movimento de descida e subida” (LACOSTE, 2004, p. 735). Esse título se difere de outros, pois “é o único a ser colocado exclusivamente na boca de Jesus, havendo uma única exceção em At 7,56” (LACOSTE, 2004, p. 735). Desse modo, está associado à capacidade de perdoar, podendo ser atribuído a ele ainda um sentido escatológico, ao afirmar que o Filho do Homem perdoa e salva os que estavam perdidos (19,1-10).

Na perspectiva do Evangelho de Lucas, esse título ganha alguns traços característicos. Ao usar tal denominação, Jesus reafirma o objetivo da sua missão: proclamar o Reino de Deus, dar cumprimento às profecias que manifestam a benevolência de Deus aos seres humanos e salvar o perdido, apresentando a figura do pastor que vai ao encontro das ovelhas perdidas (FITZMYER, 1987, p. 65). Essa imagem de Jesus como Pastor recorda a profecia de Ezequiel: “Buscarei a ovelha que estiver perdida, reconduzirei a que estiver desgarrada” (Ez 34,16). Desse modo, o último versículo da história de Zaqueu, além de apresentar a missão de Jesus, também sintetiza a mensagem do Evangelho de Lucas, apresentando Jesus como o pregador da misericórdia, que acolhe aquele que estava perdido, recordando a parábola do filho perdido e reencontrado (Lc 15,11-32), na qual o pai acolhe o filho que estava distante de casa (PERONDI; CATENASSI, 2016). Por sua vez, Jesus acolheu Zaqueu e lhe deu a salvação, recebendo o cobrador de impostos num ato misericordioso, hospedando-se em sua casa.

Considerações Finais

O presente artigo teve por objetivo apresentar uma análise da perícope da história de Zaqueu (Lc 19,1-10). Para o desenvolvimento dessa pesquisa foi utilizado o método da narratologia bíblica, a fim de observar as características estilístico-narrativas do texto. O capítulo 19 do Evangelho de Lucas apresenta a última parte da viagem de Jesus a Jerusalém e, antes de entrar na cidade, Jesus passou em Jericó, onde se encontrou com Zaqueu, chefe dos coletores de impostos. O resultado desse encontro gerou uma mudança radical na vida desse homem, o qual assumiu o compromisso de doar aos pobres a metade dos seus bens e fazer justiça aos que defraudara. A dinâmica desse encontro gerou genuína mudança de vida. Zaqueu, chefe dos cobradores de impostos, recebeu de Jesus a oferta da salvação.

A partir da análise do enredo, foi possível obter os seguintes resultados: destaca-se, em primeiro lugar, a colocação literária da perícope de Zaqueu no contexto da passagem de Jesus por Jericó, localizada no final da viagem Jerusalém. Ali, Jesus apresenta a possibilidade do perdão aos excluídos, desde que haja arrependimento.

Em segundo lugar, foi possível observar os elementos narratológicos que mostram o movimento salvífico de Jesus em direção à Zaqueu e sua casa, bem como a conversão desse coletor de impostos. A análise da temporalidade da narração demonstrou o acento dado pelo evangelista no diálogo final entre Jesus e Zaqueu. Demonstramos como o narrador constrói o enredo com uma série de ações paradoxais que jogam com as expectativas do leitor, ressaltando a ação inusitada de Jesus ao encontrar-se com um pecador público. Com suas ações, Jesus rompe com a murmurização da multidão, atribuindo a Zaqueu uma nova reputação.

Finalmente, discutimos três importantes elementos teológicos presentes na pericope que são pronunciados por Jesus no encontro com Zaqueu: a salvação e os termos “filho de Abraão” e “Filho do Homem”. A salvação é colocada como dom gratuito de Deus, dado a todos os filhos de Abraão. Jesus é o Filho do Homem que veio salvar o que estava perdido, demonstrando como a meritocracia não funciona como bilhete de entrada no Reino dos Céus. O verdadeiro filho de Abraão é reconhecido por sua ética, não por sua árvore genealógica. A história de Zaqueu, nesse sentido, sintetiza a mensagem do Evangelho de Lucas ao apresentar um grande perdão, submerso na misericórdia.

Referências

- BÍBLIA. Português. BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.
- BOVON, F. El Evangelio según San Lucas. Salamanca: Sígueme, 2010. 3v.
- BROWN, R. E. Introdução ao Novo Testamento. São Paulo: Paulinas, 2004.
- CATENASSI, F. Z.; PERONDI, I.; ARTUSO, V. El malhechor arrepentido como ápice de la pasión: Lc 23,39-42 a la luz de la teología lucana. *Theologica Xaveriana*, Bogotá, v. 64, n. 178, p. 545-567, 2014.
- CHATMAN, S. Historia y discurso: La estructura narrativa en la novela y en el cine. Madrid: Taurus Humanidades, 1978.
- FABRIS, R. O Evangelho de Lucas. In: BARBAGLIO, G.; FABRIS, R. Os Evangelhos (II). 3. ed. São Paulo: Loyola, 2014, p. 9-248.
- FABRY, H.; SCHOLTISSEK, K. O Messias. São Paulo: Loyola, 2008.
- FITZMYER, J. A. El Evangelio según Lucas III. Madrid: Cristiandad, 1987.
- KARRIS, R. J. O Evangelho Segundo Lucas. In: BROWN, R. E.; FITZMYER, J. A.; MURPHY, R. E. Novo comentário bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos. São Paulo: Academia Cristã, 2011, p. 217-308.
- LACOSTE, J. Dicionário crítico de teologia. São Paulo: Paulinas, 2004.
- MARGUERAT, D.; BOURQUIN, Y. Para ler as narrativas bíblicas: introdução à análise narrativa. São Paulo: Loyola, 2009.
- O'TOOLE, R. R. The literary form of Luke 19:1-10. *Journal of Biblical Literature*, Atlanta, v. 110, n. 1, p. 107-116, 1991.
- PARSONS, M. C. 'Short in Stature': Luke's Physical Description of Zacchaeus. *New Testament Studies*, Cambridge, v. 47, n. 1, p. 50-57, 2001.
- PERONDI, I.; CATENASSI, F. Z. Misericórdia, compaixão e amor: o rosto de Deus no Evangelho de Lucas. *Cadernos Teologia Pública*, v. 13, n. 118, p. 1-33, 2016. Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/teopublica/118_cadernosteologiapublica.pdf. Acesso em 10 jan. 2019.
- RAVENS, D. A. S. Zacchaeus: the final part of a Lucan triptych? *Journal for the Study of the New Testament*, Thousand Oaks, v. 13, n. 41, p. 19–32, 1991.
- THEISSEN, G.; MERZ, A. O Jesus histórico: um manual. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004.